

LIVROS

PUBLICIDADE

Pra quem é doente do pé: “Escuro”

Texto inédito de João Anzanello Carrascoza

POR O GLOBO

15/02/2015 13:28 / ATUALIZADO 15/02/2015 14:58



- Arte

Ele está aqui, no escuro, ao meu lado, em silêncio, os olhos presos à tela, mas, ainda que a trama do filme seja engenhosa e exija atenção, eu sei que ele não se distrai totalmente de mim, a minha presença, discreta, lhe assegura que estamos envoltos na película do mesmo instante, como o corpo dentro da roupa.

PUBLICIDADE

VEJA TAMBÉM

[‘A mocinha da foto’, texto inédito de Adriana Lisboa](#)

[‘No início do Rio’, poema inédito de Armando Freitas](#)

E, igual a tudo, esse nosso hábito começou de quase nada, ele era criança, eu o pai que viajava a semana inteira — naquela época, eu pensava que, quanto maior a distância, mais próximo eu estaria dele —, e se o sábado era o nosso

dia de encontros vívidos, quando
jogávamos bola e andávamos de
bicicleta a tarde inteira, o
domingo era para partilharmos

umas horas suaves, e para que ela, a mãe,
pudesse descansar de nós. Assim, depois do
almoço, eu e ele saíamos para ir ao cinema. Não
importava o filme, eu queria apenas estar junto
do meu menino e de mim (de quem também me
apartara), e ele, saído do mesmo molde, se
mostrava feliz com a minha companhia e o saco
de pipoca que carregava como um tesouro.

Entrávamos sem pressa na sala em penumbra —
e, embora tenham sido muitas pelos cinemas da
cidade, nunca deixaram de ser a mesma e única
sala —, ele subindo as escadas de dois em dois
degraus, não porque quisesse fazer graça, mas
tão somente porque era uma criança, e só mais
tarde descobriria que nunca se deve saltar
etapas, mesmo numa brincadeira. Eu lhe dava a
mão para evitar que tropeçasse, e ele ria,
demorando para esticar uma perna e recolher a
outra, obrigando-me a rebocá-lo com cuidado.

Então, sentávamos — e cada um ocupava o seu
lugar no outro. Desfrutávamos a espera, como
se ela fizesse (e fazia) parte do filme, ao
contrário de outras pessoas que continuavam
conversando e nem ligavam para a história que,
ali dentro, antes de iniciar a projeção, para nós
já começara. Às vezes, eu fechava os olhos, não
por cansaço, nem para lembrar que minha vida
descia velozmente rumo à sua foz, mas para
sentir a felicidade de reabri-los e ver meu filho,
imóvel e menino, ao meu lado, como se para
sempre.

Depois, começava o filme, e era a hora menor —
coisa que só eu sabia nos primeiros anos —, a
hora de sentirmos medo, apreensão, espanto,
fosse o que fosse, porque a hora maior era
estarmos juntos, no escuro, cotovelos se
tocando, a respiração em ritmo simultâneo, o
tempo, imperceptível, levando-nos, pela mão,
para o fim.

Ele está aqui, no escuro, à minha direita.
Deixamos o sol e as palavras lá fora. E agora —
um dia eu haveria de me dar conta! —, eu vejo o
quanto ele cresceu; na verdade, eu já sabia, mas
me negava aceitar; seus pés tocam firmes o chão
da sala, e antes, antes suas pernas, tão curtas,

ficavam suspensas, balançando. E muito antes, quando ele era menor ainda, eu tinha de encaixar um suporte sobre a sua poltrona para que pudesse ver a tela, inteira, lá adiante.

Ele está aqui, no escuro, à minha direita. E ao contrário de todas as outras vezes — foram dezenas de sessões a que assistimos —, eu não cochilei na hora do trailer, nem no começo do filme, e não porque, no escuro acolhedor, percebesse que ele não precisava mais de minha proteção, não: uma estranha lassidão me invadiu, e, embora nunca tenha sentido antes, o sono me pesa agora nos olhos justamente quando o final se aproxima.

Eu sempre senti um assombro ao retornar à claridade e ver nós dois ali, com nosso rosto e nossas mãos e nossa vida inteira de novo à luz. Invariavelmente, eu perguntava, gostou, filho?, e ele respondia, gostei, pai, ou, quando não, se a trama não tinha sido plenamente assimilada, ele nada dizia, apenas movia a cabeça em sinal de sim, que era também um pedido de silêncio — ele queria ainda alcançar o núcleo do entendimento.

Sei (e ele também) que uma hora, ao voltarmos à luz, eu não estarei mais aqui, como sempre tem acontecido. Eu, então, vou me sentir leve, igual uma partícula de poeira, vou levitar, afastando-me de minha poltrona, e flutuar em direção ao fecho de luz que projeta o filme. Lá, com certeza, vou pairar às alturas e ver o meu filho, sentado, os pés presos ao chão, sozinho.

E ele, ele não estará voltado para o que passa na tela, ele estará me vendo, e me reconhecendo, de outros tempos, me reconhecendo, pai, na fina poeira que irá desaparecendo no escuro. E só nós saberemos o tamanho infinito de sua solidão.

Eu gostaria que essa hora não chegasse. Eu suplicaria ao universo para que essa hora não fosse agora. Mas, inevitavelmente, eu me sinto leve, igual uma partícula de poeira, e começo a me desprender dessa poltrona.

João Anzanello Carrascoza, nascido em Cravinhos (SP), em 1962, é autor de “Aquela água toda” (2012) e “Caderno de um ausente” (2014), ambos pela Cosac

PUBLICIDADE

